

VÓ FOLHINHA

Colecionadora do tempo



Fabiano Tadeu Grazioli

Ilustrações Eloar Guazzelli

edelbra

VÓ FOLHINHA

Colecionadora do tempo



Fabiano Tadeu Grazioli

Ilustrações Eloar Guazzelli

edelbra

1ª edição, 1ª impressão, 2025

Autor: Fabiano Tadeu Grazioli

Ilustrações: Eloar Guazzelli

Direção editorial: Alessandra De Lazzari

Edição: Camila Garcia Kieling

Projeto gráfico e diagramação: Marta Castilhos

Revisão: Ana Wehr e Rosana Maron

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grazioli, Fabiano Tadeu

Vó folhinha : colecionadora do tempo / Fabiano
Tadeu Grazioli ; ilustrações Eloar Guazzelli. --
1. ed. -- Porto Alegre, RS : Edelbra, 2025.

ISBN 978-65-5750-148-1

1. Crônicas - Literatura infantojuvenil
2. Família - Literatura infantojuvenil 3. Memórias -
Literatura infantojuvenil I. Guazzelli, Eloar.
- II. Título.

25-308396.0

CDD-028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento | 51 2118 4404

cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
deste livro pode ser reproduzida ou copiada,
por qualquer meio, sem a permissão
por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Indústria de Livros Ltda.





Para o meu pai, Ilucir Grazioli (*in memoriam*),
que fez sua passagem semanas antes de este
livro ser concluído.

E para as pessoas que inspiraram estas histórias.
Só nós sabemos o quanto de memória e de
invenção existe aqui.
É essa a verdadeira brincadeira.



VÔ FOLHINHA

D	S	T	Q	Q	S	S
	01	02	03	04	05	06
07	08	09	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Minha avó colecionava calendários. Nas paredes da sua casa, estavam as histórias das pessoas da parte de meu pai, estampadas em dias, meses e muitos anos. Acho que ela não tinha noção de que aquelas “folhinhas” eram uma coleção, palavra moderna para ela. Essa foi a sua maneira de lidar com o tempo e com as situações da vida. “Calendário” é uma palavra que nós, seus netos, trouxemos da escola.

De posse dos casos contados e da vida vivida, trancei esta história, tal qual a palha de trigo que minha avó transformava em chapéu para nos proteger na lida da roça. Esta história tem gosto de palha, colocada para molificar, que eu surrupiava do balde ao lado de sua cadeira, enquanto ela trançava. O que senti na infância e mais adiante entenece os fatos, como a água amolece a fibra da palha.

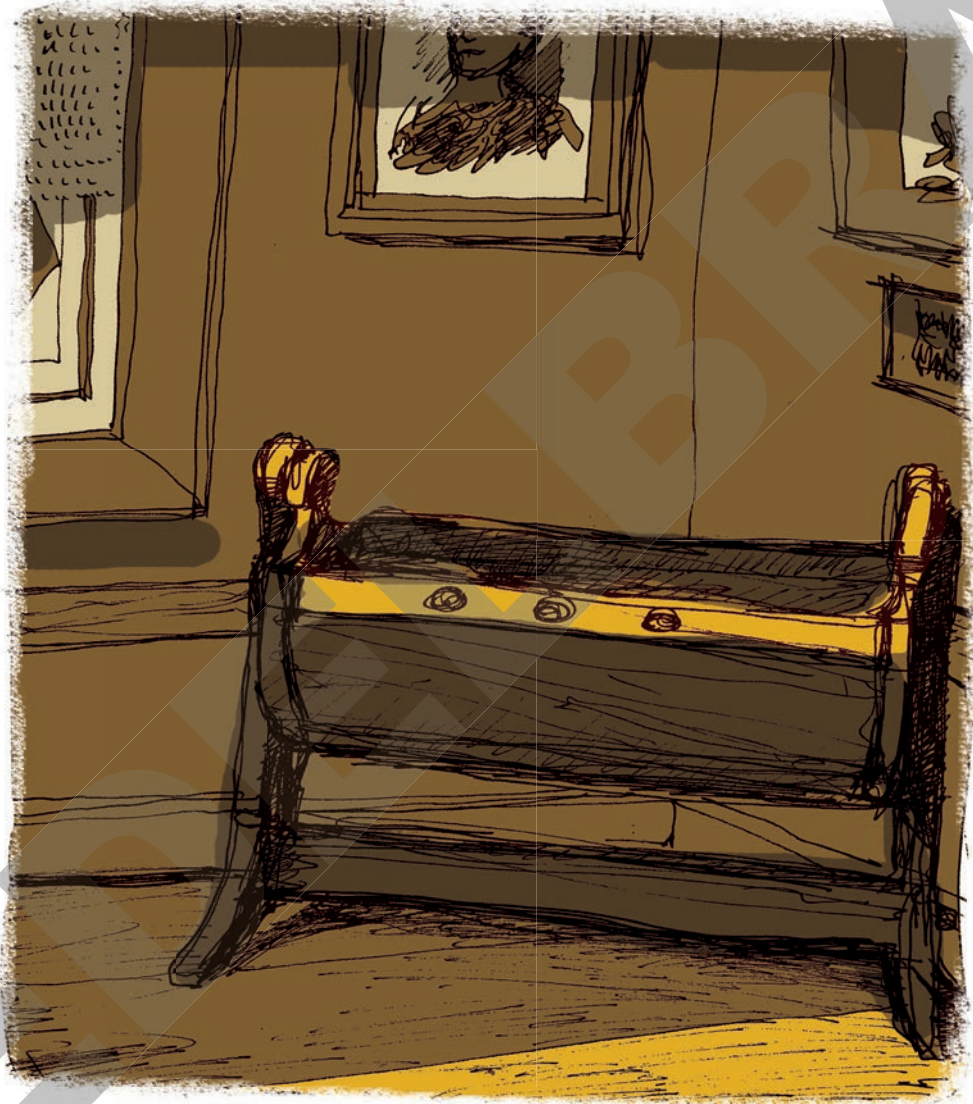
Os parentes que a visitavam em qualquer época do ano presenteavam-na com calendários. Ela não hesitava em inseri-los na galeria exibida nas paredes de sua casa modesta. A exposição começou na cozinha, atrás do fogão a lenha, e foi aumentando, folhinha a folhinha. Nono Ângelo alertava:

– Dia desses, o fogão esquenta muito, perigo de uma delas incendiar. E daí, já eram as folhinhas, a casa e a cozinha.

Foi o primeiro item que minha avó ganhou de seus pais. Ele criava em nós um misto de encanto e mistério. Como pode ter vindo de tão longe? Atravessado o oceano? Não ter se perdido? Na folhinha de tecido, puída e descorada, trazida da Itália pelos seus avós, junto de outros poucos haveres, estava sua origem. Esta foi sua única herança. O restante construiu

com trabalho, afeto e memórias. Nos outros calendários, estava a continuidade em terras brasileiras.

Imaginou, para a sorte desta história, que, se continuasse guardando calendários, estaria, de certa maneira, continuando a história da sua gente.



Mas isso Vó Folhinha somente percebeu logo que se casou, e, portanto, havia passado um tempo de sua vida. Ela despertou para a ideia quando seu primeiro filho nasceu. Era necessário deixar registrado em lugar visível a data do seu nascimento porque precisava contar os dias da quarentena e o intervalo das simpatias recomendadas pela parteira. Em seguida, os meses e os aniversários.

Quando se deu conta, estava comprometendo o calendário do ano seguinte, marcando o nascimento do segundo filho e tudo o que ele demandava. O ano virou, e a primeira filha já estava a caminho, quando percebeu que somava as semanas no novo calendário para presumir a sua chegada.

– Se Deus abençoar, completo a gravidez com saúde.

E logo desenhou a terceira estrela da sua família.

Nesse ponto da narrativa, acho que minha avó já havia se tornado a Vó Folhinha desta história. Ela entendeu que seria mais fácil lidar com as demandas da vida se tivesse à sua frente o tempo ilustrado em números e anotações desenhadas.

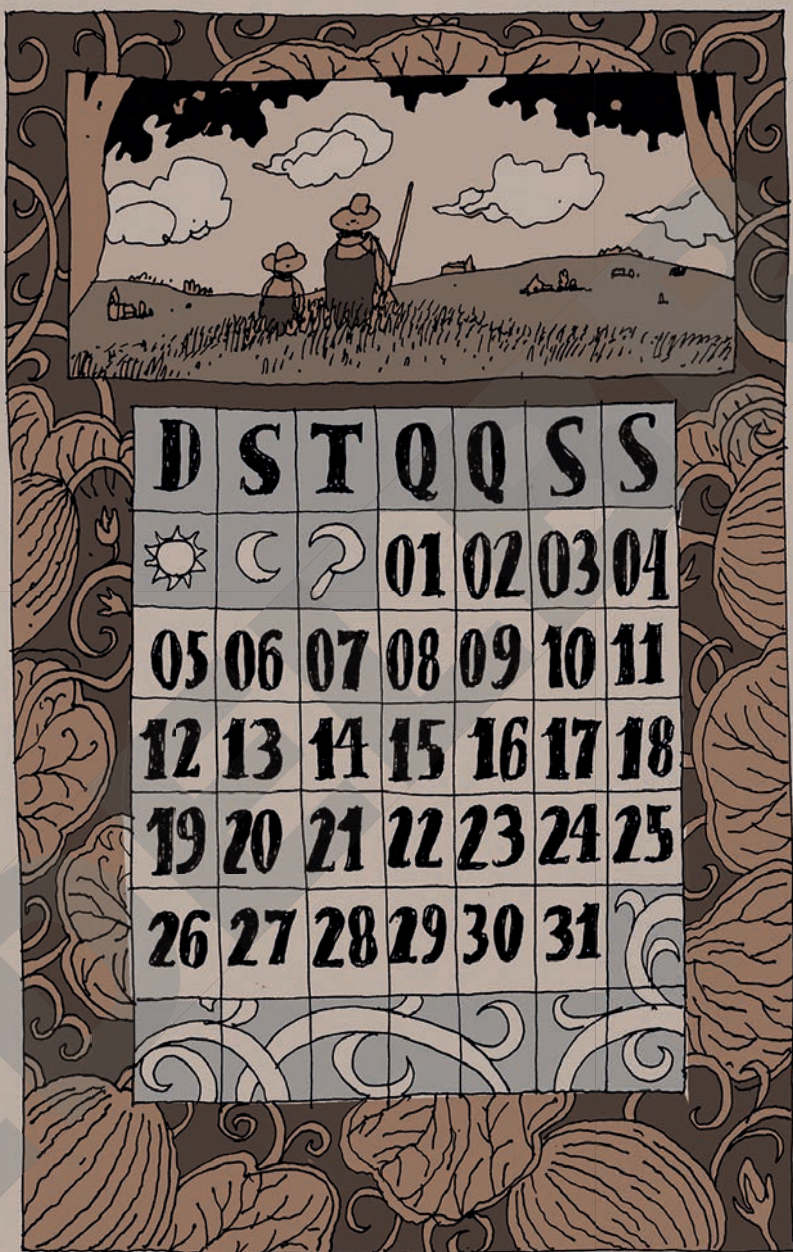
Vó Folhinha tinha dificuldades na escrita. Na época de sua infância, frequentou poucas séries da escola, quando a leitura e escrita eram coisas essenciais para aqueles tempos difíceis. Ler, ela sabia um pouco mais, apesar de ter me confidenciado que era melhor nos números do que nas palavras. Fazia conta “de cabeça”: dividia, somava e multiplicava, diminuía e fazia contas de juros.

A primeira vez que ouvi a expressão “importo“, foi nas palavras da Vó Folhinha. Achei engraçada e prestei mais atenção na pronúncia. Depois, acostumado com o som, ficava testando a palavra para entender se o sentido nas contas de minha avó tinha a ver com aquele que eu já conhecia, o de se importar.

Para dar conta das suas anotações nos calendários, minha avó desenhava figuras ao lado das datas. Os nascimentos eram estrelas. O encerramento da vida das pessoas queridas era marcado com uma discreta e triste cruz. E, conforme o acontecimento, entre as duas pontas da vida, ela improvisava um desenho.

Esta história teve início em um tempo em que as estações organizavam temporadas de chuva, frio, sol e calor. E os calendários planeados pela Vó Folhinha avisavam quando o frio chegaria, quando seria o período das chuvas e, por isso, quando se deveria plantar e colher cada seara. Tornou-se, assim, delegada de outras marcações, como a data da sementeira da lavoura, indispensável para calcular o tempo aproximado das colheitas.

Além disso, observava com cuidado as fases da lua, porque elas orientavam o andamento das plantações. Era uma combinação que somente ela sabia conduzir: um pouco de conhecimento, alguma intuição e fé. Assim, ela indicava a semana mais propícia para arar a terra, enterrar o trigo, recolher o arroz, dobrar o milho, trilhar o feijão. E tudo ficava registrado naqueles dias desenhados com esforço, suor e trabalho.

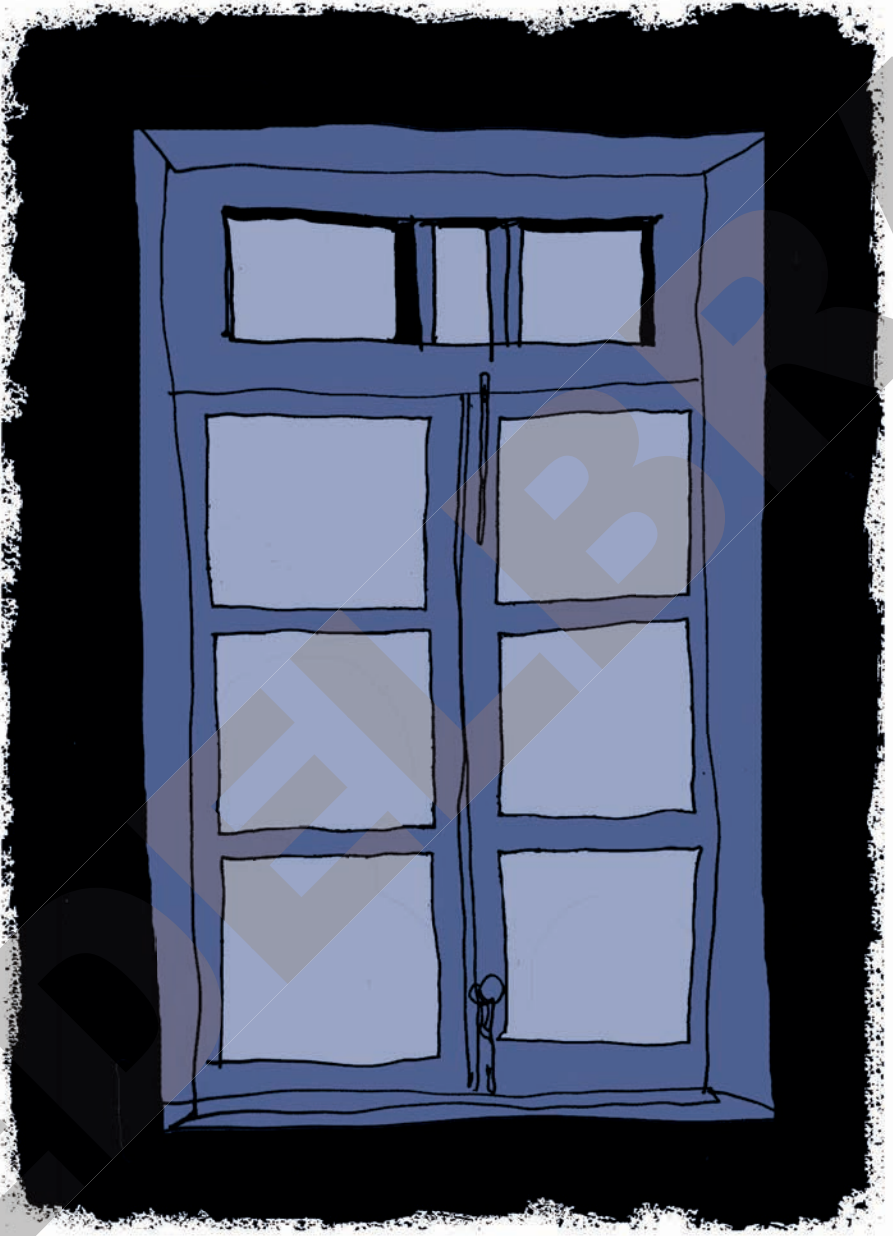


Na chegada dos novos calendários, minha avó tratava de localizar as datas importantes.

- Que dia será a Páscoa neste ano?
- Que dia da semana será o Natal e o Ano Novo?
- Em que dia da semana o Riculis Februus fará aniversário neste ano? E a Inavis Bahia?

Fazia surpresa ao comunicar, principalmente aos de menor idade, mas, a bem da verdade, ela já tinha conhecimento das datas, com base nas contas que fazia, considerando o calendário anterior e os ajustes necessários por conta do ano bissexto. Não estragaria a surpresa dos filhos e sentia-se feliz em meio à festa dos pequenos ao receberem as notícias. A alegria deles com isso relevava a simplicidade tamanha da vida.

- Neste ano, o aniversário da Ianua será no domingo, duas vezes importante! E, se a irmã de vocês



edelbra

Este livro mostra a força das raízes e das tradições familiares. Inspiradas na “Vó Folhinha” e em seus calendários, as histórias resgatam a cultura dos descendentes de italianos fixados no norte do Rio Grande do Sul, aproximando os leitores da memória, da família, da religiosidade e do trabalho, que marcam as vidas nessa região. O avô que remendava sacas com perfeição, a tia que morava longe e inundava a avó de saudades, o tio que perdeu o braço no trabalho, a colheita de melões doces, muitas alegrias e algumas perdas são marcas que se consolidam nos calendários que a avó cultivava com cuidado. A narrativa e as ilustrações unem várias histórias em uma só, como uma “parola” interminável que reflete a forma de existir dessa gente.

edelbra

ISBN 978-65-5750-148-1

